

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Janaína Mascarenhas Soares



**MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Memórias e reflexões sobre uma prática**

Campinas
2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

1290003416

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Janaína Mascarenhas Soares

**MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Memórias e reflexões sobre uma prática**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação como exigência parcial para formação no curso de Licenciatura em Pedagogia (PEFOPEX), sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Schroeder.

Campinas
2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
ICL/UNICAMP	
So11m	
V.....EX:	
TOMBO: 3416	
PROC.: 129108	
C.....D: X	
FRECO: 11,00	
DATA: 29/02/08	
Nº CPF: 426211	

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

So11m	Soares, Janáina Mascarenhas. Musicalização na educação infantil : memórias e reflexões sobre uma prática / Janaina Mascarenhas Soares. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007. Orientador : Jorge Luiz Schroeder. Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Musica. 2. Musicalização. 3. Educação infantil. I. Schroeder, Jorge Luiz. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	07-592-BFE

APROVAÇÃO

Prof. Dr. Jorge Luiz Schroeder

Orientador

Prof. ^a Maria Flávia Silveira Barbosa

2^a leitora

Dedico este trabalho à minha mãe, por não ter me deixado desistir do magistério, ajudando a tornar possível a realização desse trabalho, e ao meu marido, que pacientemente esperou por quatro anos, junto comigo, por mais essa conquista...

Agradecimentos

Agradeço a meus pais, em primeiro lugar, pelo incentivo dado desde a minha infância, e de certa forma , por terem permitido que eu vivenciasse a música a ponto de ela fazer parte fundamental do meu próprio ser.

Agradeço ao meu marido, pela paciência e pela participação , por ter sido companheiro durante todo o tempo de dedicação aos estudos e ao presente trabalho.

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Jorge Luiz Schroeder, por ter aceitado ser meu orientador e ter sempre me dado o apoio necessário, contribuindo com sua experiência musical e docente.

Agradeço a Deus, por ter me inspirado a desenvolver esse trabalho e pela realização pessoal de ter conseguido proporcionar aos meus alunos um pouco da alegria da música.

O espírito pedagógico é curioso, criativo, inquieto. É uma linha que avança vibrante, mas que se move e ondula porque aspira a explorar até o último resquício do homem e da música. Não repete simplesmente o que o livro diz, mas o recria a cada momento.

Violeta Hemsy de Gainza

Resumo

A proposta dessa pesquisa é situar a música como fonte de conhecimento, apontando a escola como lugar onde a musicalização das crianças pode e deve acontecer, mesmo que proporcionada por professores polivalentes, sem formação em Artes.

O presente trabalho se inicia com uma memória da minha formação musical, passando pela minha formação docente, trazendo os motivos que me levaram a acreditar na importância da musicalização na escola de Educação Infantil, e os anseios com relação à minha prática.

No último capítulo trago os registros de algumas das atividades musicais realizadas com meus alunos durante o segundo semestre de 2007, principalmente atividades que propiciam o "brincar", ou seja, o enfoque lúdico da música.

Sumário

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I- Um pouco da minha história	3
CAPÍTULO II- O encontro entre a música e a pedagogia	6
2.1- Inquietações	7
2.2- À procura de fundamentação	8
CAPÍTULO III - O início de um projeto	19
CAPÍTULO IV - Um novo projeto com vistas à pesquisa	21
4.1- À procura de uma definição para a musicalização	22
4.2- A preocupação com o método	23
CAPÍTULO V - A realização das atividades: colocando em prática	27
- Brincando com os nomes	27
- Dança com fitas	30
- Sons vocais e dança com palmas	32
- Dança com bexigas	37
- Construindo instrumentos percussivos	39
- Escravos de Jó	41
- Registro de sons	45
- A visita de um músico	51
- Outras atividades	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS	57

INTRODUÇÃO

A música sempre fez parte da minha vida e, num determinado momento , comecei a acreditar também na sua importância para meus alunos, dentro do contexto escolar.

O meu interesse por inserir a música de maneira diferenciada no contexto da Educação Infantil se deu movido pelos rostinhos dos meus alunos, que expressavam alegria e interesse quando eu cantava músicas infantis com eles sentados na roda, e por aulas ministradas na Universidade Estadual de Campinas, no ano de 2006. Houve desde então a minha tomada de consciência quanto à necessidade de uma mudança de relação dentro da minha sala de aula entre eu e a música , entre meus alunos e a música. A música estava presente ali, mas nós a ouvíamos de forma passiva, sem maior envolvimento com ela. A proposta era que pudéssemos vivenciar a música corporalmente, através de atividades rítmicas que incluíssem o uso dos gestos, dos movimentos, com o objetivo de que as crianças não só ampliassem seu repertório musical como também ampliassem seus conhecimentos musicais através de experiências lúdicas, concordando com Weigel (1988) que nos traz a afirmação de que “é preciso que a criança seja habituada a expressar-se musicalmente desde os primeiros anos de sua vida, para que a música venha a se constituir numa faculdade permanente do seu ser” (p.12).

A importância do professor como catalisador do que acontece na sala de aula e como estimulador do processo de aprendizagem das crianças também é reconhecida neste trabalho.

O professor e sua postura diante das crianças têm papel fundamental. Vale ressaltar que Shafer (1991) já considerava que “naturalmente, o professor é diferente, mais velho, mais experiente, mais calcificado. É o rinoceronte na sala de aula, mas isso não significa que ele deva ser coberto com couraça blindada” (p.282). O autor continua afirmando que o professor deve continuar sendo uma criança.

No decorrer dessa pesquisa procurei continuar sendo criança, em alguns momentos consegui, em outros fui o rinoceronte na sala de aula, porém acredito ter conseguido proporcionar aos meus alunos momentos de grande alegria...

1. UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA...

Durante a minha infância, tive o privilégio de, com apoio dos familiares, ter uma relação muito agradável com a música; gostava de cantar e ouvir música durante grande parte do dia, e assim o fazia, já que meus pais sempre apreciaram e tinham o costume de ouvi-la em casa constantemente. Meu pai sempre me contava que quando eu era bem pequena, ainda com menos de 2 anos de idade, ele tocava violão para que eu o acompanhasse cantando, e propositalmente, no meio da música, mudava de tom. Eu mudava o tom da melodia imediatamente, mostrando já ter uma percepção auditiva apurada. Meus pais sempre me incentivaram fazendo gravações improvisadas em casa de algumas músicas que eu cantava, sempre procurando registrar essas lembranças de alguma maneira.

Com aproximadamente 8 anos de idade fui levada pela minha mãe a uma escola de música para escolher um instrumento que quisesse tocar. Escolhi o piano, instrumento que me pareceu ser o mais interessante naquele momento. Durante 3 anos freqüentei as aulas, inclusive o coral da escola, porém, acredito hoje que, por causa de frustrações com um método desestimulante, desisti do instrumento, embora houvesse muita relutância por parte da minha mãe.

Continuei a cantar, agora participando de eventos como aniversários, quermesses e festivais, onde era acompanhada por *playbacks* ou mesmo por bandas. Durante o início da minha adolescência, após essas experiências, fiquei um bom tempo sem cantar em público. Acredito que nessa fase da minha vida outros interesses surgiram, além do fato de que eu era uma criança muito

tímida e, para mim, cantar em público era algo muito difícil. Eu ficava muito insegura e nervosa e, quando o fazia, geralmente era para agradar meus pais.

Resolvi, por um tempo, deixar a música um pouco de lado, mas em casa ainda apreciava diversos estilos musicais e ia, aos poucos, ampliando meu repertório musical, procurando ouvir diferentes estilos, músicos e bandas.

Aos 14 anos voltei a me interessar por cantar novamente, agora profissionalmente, depois de conhecer lugares na cidade de Sorocaba onde havia bandas que faziam uma espécie de "karaokê ao vivo", onde as pessoas escolhiam a música que gostariam de cantar e a banda as acompanhava. Foi em uma dessas experiências, quando cantei e fui aplaudida pelas pessoas que estavam no local, que me senti novamente capaz de cantar em público, já que agora contava com outros músicos que se interessaram em formar uma banda comigo. Minha mãe, grande companheira e amiga, me acompanhava em todos os lugares onde ia cantar, sempre me apoiando e incentivando. Essa participação por parte da minha mãe foi de extrema importância e, sem dúvida, decisiva na minha trajetória musical.

Particpei de várias bandas na cidade de Sorocaba, atuando em outras cidades da região. Depois de alguns anos cantando, fui convidada a fazer parte de uma banda de baile tradicional da cidade de Valinhos e, quando aceitei o convite, simultaneamente, surgiu uma nova experiência. Nesse mesmo período frequentei, durante aproximadamente 1 ano, o Conservatório Musical de Tatuí, onde iniciei o curso de Percussão Erudita, o que me permitiu ver de perto um pouco desse outro universo musical, que é o da música clássica. Durante o período que estive lá, assisti a vários ensaios de orquestras, e também participei de um coral que, inclusive, era obrigatório a todos os alunos do

Conservatório. No entanto, sempre que podia, fugia dos encontros do coral pois a maioria dos participantes sabia cantar lendo as partituras, e eu me sentia perdida nos ensaios por não ter essa prática.

Desisti também do Conservatório, assim como na minha infância havia desistido do piano. Penso que foi porque havia uma preocupação muito grande por parte dos professores com o ensino da teoria musical, uma grande insistência com relação à “postura” do aluno ao tocar o seu instrumento, já que o objetivo maior do Conservatório é formar músicos para tocar em orquestras. Notei que, naquele momento, esse tipo de formação não me interessava, embora eu gostasse muito das aulas. Tais aulas ajudaram muito a melhorar a minha noção rítmica e percepção auditiva, além de ampliar minhas referências musicais.

Fiz parte da banda de baile de Valinhos por quase 4 anos, período em que convivi com músicos que tinham uma larga experiência musical, eram bem mais velhos do que eu e, talvez por isso mesmo, cada ensaio, cada apresentação transformava-se para mim numa verdadeira aula de música. Pude conhecer muito sobre vários aspectos da música através dessa convivência; o aprendizado foi muito grande. Infelizmente, por conta de um mercado muito concorrido, a banda decidiu encerrar suas atividades. Continuei a cantar mas essa prática tornava-se cada vez mais eventual, irregular; a música ficava, novamente, em segundo plano. Ao mesmo tempo outros caminhos profissionais se abriram progressivamente para mim.

2 . O ENCONTRO ENTRE A MÚSICA E A PEDAGOGIA

Trabalho há 4 anos na rede municipal de Valinhos como professora de Educação Infantil e venho desde então atuando com crianças em idades que variam entre 5 e 6 anos, em salas denominadas no município como Infantil II. Também faço algumas substituições em escolas de ensino fundamental, no qual tenho menos experiência.

Tornei-me professora após prestar o concurso da cidade. Assumi o meu cargo em 2003 em busca de uma maior estabilidade, já que a música, apesar de ser a atividade na qual me sentia mais realizada (embora naquele momento essa prática não estivesse acontecendo com frequência), não me oferecia condições para que eu a tornasse a minha única fonte de renda.

Iniciei minha prática docente na cidade de Valinhos, na Educação Infantil, nível em que continuo atuando, já que é onde me sinto segura e realizada dentro da área da Pedagogia.

Trabalhei durante dois anos sem me dar conta da maneira como a música era vista e trabalhada nas EMEIs (Escolas Municipais de Educação Infantil). Eu só utilizava a música como um recurso para animar festas, no canto coletivo na roda e para a hora da merenda. Porém, essa relação ocasional com a música que estava instituindo em minha sala de aula começou a me incomodar. Dava-me conta de que ela não era suficiente. Mas esse incômodo na verdade só começou a surgir após 2 anos de docência, e ele veio através de experiências musicais que eu vivenciei dentro da Universidade. No entanto, o que me levou a voltar o olhar para a música dentro da escola foi o fato de que, todas as vezes em que eu cantava alguma música infantil com meus alunos, aquele se

tornava o único momento em que todos, sem exceção, se envolviam na atividade, e eu realmente conseguia manter a atenção de todas as crianças. Levando em conta que todos se mostravam interessados e participativos, ao contrário de algumas outras atividades que eram realizadas na sala de aula em que havia a necessidade de um esforço muito grande de minha parte para que todos participassem, percebi que esse interesse pela música por parte dos alunos poderia ser investigado com maior profundidade.

2.1 Inquietações

Esse incômodo coincidiu também com o fato de eu estar cursando o quinto semestre do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual de Campinas. Durante esse período eu estava participando, entre outras, de uma disciplina denominada *Educação, Corpo e Arte* que pretendia introduzir os alunos em diferentes linguagens corporais e artísticas em suas relações com o processo educacional, segundo sua ementa. No programa dessa disciplina, havia várias propostas onde nós, alunos, teríamos a oportunidade de vivenciar atividades mais direcionadas à expressão corporal, ao teatro e também à música (embora o assunto música tenha sido realmente focado em apenas duas aulas durante toda a disciplina).

Foi durante esse semestre que comecei a pensar seriamente sobre o tema a ser escolhido para o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), e que começaram a aparecer muitas dúvidas. Senti grande dificuldade na escolha do tema, porém, decidi procurar um assunto que tivesse relação com algo que para mim fosse muito importante, e que eu acreditasse ser realmente

importante para as minhas crianças também. Foi então que fiz a junção: iria falar sobre a música na escola, focando a Educação Infantil, que era o meu “habitat natural” dentro da instituição escolar. Era a minha oportunidade de voltar a um mundo no qual me sentia realizada: o mundo da música, e especialmente agora, mesclando esse mundo ao da educação.

Tive grandes contribuições da disciplina *Educação, Corpo e Arte*, que nos propôs atividades muito interessantes e que foi a principal responsável pelo incômodo que comecei a sentir com relação a musicalização na escola, como já havia dito anteriormente.

2.2 À procura de fundamentação

Durante o ano de 2006 após observar, em minha própria escola e em EMEIs onde às vezes ia substituir outras professoras, que a musicalização estava sendo deixada de lado, resolvi desenvolver um projeto de música com meus alunos, inspirada pelas aulas da disciplina já citada, que nos forneceram idéias e mais idéias de como trabalhar várias linguagens artísticas com as crianças.

Tanto na minha escola quanto em outras nas quais estive trabalhando, a música sempre era utilizada como elemento lúdico em momentos de canto coletivo, em momentos onde ouviam alguma música infantil e podiam dançar livremente, ou então imitando alguma coreografia feita pela professora. Contudo não observei em nenhum momento alguma atividade que levasse os participantes a ampliar seus conhecimentos musicais, e sim atividades que apenas objetivavam a distração das crianças.

Decidi, por isso, iniciar um projeto de música que pudesse satisfazer essas minhas inquietações. Tive todo o apoio necessário da diretora e da coordenadora da escola, que sempre estiveram à disposição para me ajudar em tudo que fosse preciso. Porém, me deparei com um problema que percebi ser um complicador para um professor polivalente sem formação em música: não sabia por onde começar, que método usar, como realizar as atividades, como envolvê-los nas atividades e como avaliar. Senti-me perdida, insegura, e conheci pelo menos um bom motivo de haver um certo descaso com a música. É difícil desenvolver um trabalho em uma área do conhecimento que você não domina totalmente. Mas eu não queria desistir.

Parti então à procura de textos que pudessem me ajudar, fornecendo novos olhares com relação a musicalização nas escolas¹. Visava, com a leitura de textos diversos, encontrar uma fundamentação para agir na minha sala de aula, pois tinha muitas dúvidas quanto a um possível método, às atividades que deveriam ser propostas e, principalmente, em como realizar esse trabalho com aproximadamente 25 alunos, sendo esse o número de crianças que normalmente freqüentavam as aulas. Tinha como referência as aulas ministradas pela Professora Eliana Ayoub, na disciplina *Educação, Corpo e Arte*, mas continuava com certas dúvidas quanto à realização das atividades propostas por ela na realidade da minha sala de aula, levando em conta a faixa etária das crianças e o número de alunos. Porém, muitas das atividades

¹ Como por exemplo: - CINEL, Nora Cecília Bocaccio. Linguagem musical. Melodia, ritmo e harmonia devem ser explorados em sala de aula. *Revista do professor*. Porto Alegre, 20(79): p.5-8, jul./set. 2004.
- ARRIBAS, Teresa Lleixà et al. *Educação Infantil* : Desenvolvimento, currículo e organização escolar. trad. Fátima Murad . 5 ed. - Porto Alegre: Artmed, 2004 . p .245-279.

vivenciadas por nós na disciplina ficaram anotadas em meu caderno para que eu as utilizasse posteriormente com as crianças.

Naquele momento, a música era vista por mim como uma ferramenta cultural que deveria ser oferecida a todos. Eu acreditava que nós, professores, negligenciando as possibilidades de ampliação dos conhecimentos e do repertório musical das crianças, estaríamos ajudando a formar indivíduos sem muitas referências que pudessem torná-los mais críticos com o que ouvissem nas rádios, na televisão, enfim, com o universo sonoro que os envolvesse.

Começou a me incomodar muito a idéia de que a escola, limitando o acesso das crianças a essa forma de expressão cultural tão importante para a formação integral do indivíduo, estaria reproduzindo as desigualdades existentes na nossa sociedade, na qual aquele que vem das classes mais baixas da população, além de ter um acesso diferenciado à cultura e à arte em geral, não carrega os referenciais necessários para sua compreensão.

A partir desse momento, resolvi que pelo menos em minha sala de aula algo seria feito para ampliar o conhecimento musical dos meus alunos e possibilitar que eles tivessem um contato mais contínuo e aprofundado com diferentes produções musicais, e também pudessem, de certa forma, ter experiências musicais diferentes das que estavam tendo na escola até aquele momento, tais como apenas dançar imitando uma coreografia ou cantar com os colegas.

A minha intenção era tentar mudar a relação que eu mesma havia construído entre a música e os alunos durante o período inicial da minha docência. A partir do projeto desenvolvido em minha sala do Infantil II, no ano de 2006, questionei-me muito quanto à maneira de realizá-lo. Quais os

objetivos que eu pretendia atingir com essa faixa etária? Eles seriam capazes de se concentrar nos momentos em que fosse trabalhada a musicalização?

Essas e outras muitas dúvidas e inseguranças fizeram com que eu procurasse também no RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) alguma ajuda. Lá encontrei afirmações que vinham a confirmar o que eu havia verificado em minha escola e nas outras onde lecionei. Tais afirmações revelavam que havia uma defasagem entre o trabalho realizado na área de música e as demais áreas do conhecimento. Defasagem que se evidenciava pela falta de atividades que propiciassem a criação, o improviso, enfim, a elaboração musical. A importância do trabalho com música é evidente no RCNEI, e também a importância de se realizar atividades que desenvolvam habilidades, ofereçam condições para que a criança formule hipóteses, elabore conceitos, e possa refletir sobre a música como uma espécie de linguagem cujo conhecimento se constrói coletivamente.

Ao consultá-lo, percebi que esses Referenciais serviriam como um norte seguro para o trabalho, assim como os outros textos lidos e as aulas que eu havia frequentado, nas quais também iria me basear. Entretanto, pude conscientizar-me de que minha própria criatividade seria também imprescindível para que estimulasse o interesse das crianças e obtivesse algum resultado, levando também em conta a minha realidade, que era estar numa escola pública, com 25 alunos dentro da sala de aula, sem material apropriado para o trabalho. Outra preocupação era o espaço da sala de aula. Ele continha muitas carteiras e apenas o meio da sala livre, onde ficava a roda (um círculo pintado no chão) que seria praticamente o único espaço possível para a realização das atividades.

A utilização apenas desse espaço poderia ser desestimulante para as crianças, já que no pátio da escola havia muita movimentação e não seria o lugar ideal para atividades musicais por causa do barulho excessivo que sempre havia ali. Concluí que só saberia se seria ou não possível colocando as minhas idéias em prática.

Realizei então o planejamento do projeto, como pediu a coordenadora pedagógica. O texto entregue por escrito para a direção e coordenação continha o seguinte conteúdo:

Eu sou a música. Das artes, a mais antiga. Eu sou mais que antiga, eu sou eterna. Mesmo antes da vida começar nesta Terra, eu já estava aqui – nos ventos e nas ondas. Quando as primeiras árvores, flores e pastos apareceram, eu estava entre eles. E quando o ser humano surgiu, tornei-me imediatamente o veículo mais delicado, mais sutil e mais poderoso para a manifestação das emoções das pessoas.

Quando os seres humanos eram pouco mais que animais, eu os influenciei de forma benéfica. Em todas as eras, inspirei-os com esperança; inflamei o seu amor; dei-lhes voz para suas alegrias; estimulei-os para realizarem valorosas façanhas; e os consolei nas horas de desespero. Representei um grande papel no drama da vida, cujo alvo e propósito eram a grande perfeição da natureza humana. Graças à minha influência, a natureza humana elevou-se, abrandou-se e tornou-se mais aprimorada. Com a ajuda das pessoas, tornei-me uma Arte Superior. Possuo uma grande

quantidade de vozes e de instrumentos. Estou no coração de todas as criaturas humanas e nas suas línguas, em todas as terras entre todos os povos; o ignorante e o analfabeto me conhecem, tanto quanto o rico e o erudito, pois eu falo a todos, numa linguagem que todos entendem. Até os surdos conseguirão me escutar, se prestarem atenção às vozes de suas próprias almas. Sou o alimento do amor. Ensinei aos seres humanos a delicadeza e a paz; eu os conduzi na direção de feitos históricos. Levo conforto aos solitários e concílio aos conflitos das multidões. Sou um luxo necessário a todas as pessoas. Eu sou a MÚSICA.

Anônimo²

PROJETO: MÚSICA NA ESCOLA

- Duração do projeto: 1 semestre (uma vez por semana, durante aproximadamente 50 minutos)
- Faixa etária: entre 5 e 6 anos

JUSTIFICATIVA:

A idéia de desenvolver um projeto de música com os meus alunos surgiu no momento em que notei que a música, nas EMEIS, aparecia

² Texto citado em BRÉSCIA, Vera Lúcia P. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.

apenas como distração, como entretenimento nas festas, no momento da merenda, para acompanhar uma oração, ou para que as crianças dançam, entre alguns outros usos que são feitos da música apenas como “passa-tempo”, como recreação. Senti então a necessidade de desenvolver um trabalho em que a música seja vista como área de conhecimento, tendo sua linguagem própria e conhecimentos específicos, que acredito ser possível de ensinar para crianças que estão na pré-escola, com o objetivo de desenvolver nelas uma sensibilidade maior com relação à música, proporcionando-lhes a oportunidade de compreender os processos de criação e realização da música, e dando oportunidade para que percebam que todos são capazes de fazê-la.

CONTEÚDOS:

- percepção auditiva
- ritmo
- timbres
- altura
- intensidade
- qualidade dos sons
- escuta de obras variadas
- capacidade de observação
- sentimentos e emoções
- expressão corporal
- expressão por meio dos sons

- canto

OBJETIVOS:

- propiciar a escuta de diferentes estilos musicais, visando um maior contato com diversos elementos que fazem parte da criação de uma música, como ritmo, duração, timbre, andamento, intensidade, altura, e dinâmica existentes nas músicas, que envolve todos os elementos já citados;
- apresentar a música como linguagem que se constrói, e não como um produto pronto e acabado;
- propiciar o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical, e conseqüentemente, a expressão corporal;
- perceber tanto os sons, o silêncio, quanto as estruturas e organizações musicais, buscando desenvolver, por meio do prazer da escuta, capacidade de observação, análise e reconhecimento dos elementos da música;
- experimentar, tendo como produtos musicais a interpretação, a improvisação e a criação;
- explorar e reconhecer os sons e suas qualidades;
- reconhecer e utilizar variações de velocidade e densidade (maior ou menor concentração de eventos sonoros numa determinada unidade de tempo) na organização e realização de algumas produções musicais,
- desenvolver a memória musical;

- reconhecer sons de diferentes instrumentos musicais, partindo do interesse das crianças;
- favorecer a sensibilidade;
- representar os sons por meio do desenho,
- desenvolver o senso rítmico;
- desenvolver a concentração, a memória, a atenção e a autodisciplina;
- desenvolver a consciência corporal e de movimentação;
- desenvolver a habilidade de “ouvir”, apreciar música.

ESTRATÉGIAS:

- audição de diferentes estilos musicais, com uma conversa prévia sobre o compositor ou cantor que vai ser ouvido.
- cantar e bater palmas, os pés ou ambos na pulsação da música;
- confecção de instrumentos musicais (percussivos);
- marcação das pulsações da música com os instrumentos confeccionados depois da pesquisa de como utilizá-los;
- divisão da classe em grupos usando como critério o timbre e a tessitura dos instrumentos confeccionados;
- cantar uma música, dividida por partes, sendo cada parte acompanhada por um grupo, que marca a pulsação da música;
- introdução do silêncio como essencial à organização musical;

- exercitar a escuta através de brincadeiras com estímulos sonoros dados pelo professor. Ex: andar rastejando como a cobra ao ouvir um som grave, e na ponta dos pés ao ouvir um som agudo;
- sonorização de histórias com sons agudos e graves produzidos pelas crianças e por objetos escolhidos por elas;
- cantar músicas alternando uma parte forte e outra com suavidade;
- audição de músicas com nuances de intensidade, para que os alunos se expressem corporalmente através das partes fracas e fortes;
- reprodução de sons ouvidos fora da escola com os instrumentos confeccionados;
- desenho dos instrumentos preferidos;
- confecção de álbum de recortes com instrumentos musicais que as crianças encontrarem;
- jogo do imaginário: imaginar uma caixa, de onde as crianças vão pegar objetos, também imaginários e produzir sons e movimentos com eles. As outras crianças têm de descobrir que objeto é através do som;
- improvisações rítmicas: pedir para que o aluno produza um motivo rítmico com as mãos, e os outros ouvem e repetem;
- improvisações melódicas: pedir para que o aluno inventar sons com “la-la-la”, a classe repete e assim sucessivamente até que todos percam a inibição;
- propor que as crianças ouçam uma música e se expressem livremente com efeitos visuais como lenços, fitas, bolas coloridas, etc.
- propor que elas representem sons por meio do desenho, envolvendo sua duração, altura, intensidade, criando então um modo de registro;

- fazer música, por meio da improvisação ou composição, quando os instrumentos já estiverem prontos;

PRODUTO FINAL:

- construção de um livrinho contendo a especificação das atividades que foram realizadas com os alunos, e fotos da classe durante a realização do projeto.
- pretende-se ainda que os alunos escolham uma música de sua preferência e façam uma composição rítmica com os instrumentos confeccionados como acompanhamento da música selecionada por eles.

AVALIAÇÃO:

A avaliação será contínua e servirá para reavaliar os conteúdos, metodologia, estratégias e objetivos traçados inicialmente, num processo onde serão levadas em conta as elaborações das crianças, numa tentativa de tornar sempre o projeto significativo e interessante para os alunos.

3. O INÍCIO DE UM PROJETO

Comecei então a desenvolver as atividades em forma de projeto, que eram realizadas com as crianças sempre às sextas-feiras, durante aproximadamente 50 minutos, baseando-me em algumas propostas do RCNEI e também fazendo uso de algumas atividades realizadas na disciplina *Educação, Corpo e Arte*. Minha maior preocupação, nesse primeiro momento, era oferecer às crianças oportunidades de ter contato com diferentes atividades musicais, procurando atingir os objetivos citados no planejamento.

Após 4 meses realizando o projeto, pude verificar que o interesse das crianças pela “hora da música” (assim nomeada por mim) era muito grande, elas realmente adoravam. Tive a participação de todas as crianças em todas as atividades propostas. Percebi a importância de saber ouvir a criança, seus interesses, para um trabalho mais efetivo, e a importância da apreciação de diferentes estilos musicais, fator de extrema relevância num trabalho de musicalização. Fiz uma descoberta nesse processo que achei muito interessante e simples ao mesmo tempo, porém, para mim, muito gratificante: foi perceber que o ato de observar tudo atentamente pode nos levar a um novo olhar para as coisas simples. Apenas como exemplo, foi após alguns minutos de observação que percebi a importância do pular corda para a formação da noção rítmica na criança.

O projeto não foi cumprido integralmente, mas uma parte significativa do que constava nele foi alcançada. Durante o período em que foi realizado, no decorrer das atividades, fui percebendo que algumas propostas de

improvisação eram mais difíceis para as crianças, considerando o número de alunos presentes, e o fato de que, por isso, as crianças se dispersavam rapidamente, já que elas deveriam ouvir os improvisos dos colegas. As outras atividades nas quais todos participavam ao mesmo tempo foram realizadas com maior facilidade e envolvimento de todos. No final do projeto, ao invés de construirmos um livrinho com as atividades, como havia sido previsto no início, foi feito um mural onde constavam fotos das crianças realizando as atividades, que ficou exposto no mural da escola.

4. UM NOVO PROJETO COM VISTAS À PESQUISA

Após o período letivo de 2006, chegando então ao último ano do curso de Pedagogia na UNICAMP, escolhi realizar novamente atividades musicais com meus novos alunos. Agora com um pouco mais de experiência, e embasada em novas leituras que possibilitaram um referencial mais adequado para fazê-lo. O objetivo maior seria avaliar e analisar a minha própria prática, como professora polivalente, na musicalização de crianças de 5 e 6 anos, e avaliar o retorno desse trabalho em termos de envolvimento, interesse e participação por parte das crianças. Não queria mais que tais atividades estivessem em formato de projeto. Pareceu-me mais interessante incluí-las em meu planejamento semestral, objetivando incorporá-las no meu cotidiano escolar como algo necessário, assim como as outras áreas trabalhadas.

Nesta segunda experiência surgiu a preocupação em como fazer a cada aula uma análise e avaliação do meu próprio trabalho, o que eu acreditei ser necessário para redimensionar o meu olhar, a cada semana, e possibilitar uma maior criticidade quanto a minha própria forma de agir e estimular a aprendizagem, procurando sempre renovar a minha postura e o meu olhar frente às crianças. Uma das inquietações nessa segunda experiência era “como interferir no processo de aprendizagem das crianças”, preocupação essa que não apareceu no primeiro projeto.

4.1- À procura de uma definição para a musicalização

No projeto anterior, não senti necessidade de buscar uma definição para a musicalização, como uma referência para agir. Tive sim a preocupação de encontrar no RCNEI idéias para desenvolver o trabalho, mas não uma contribuição acerca do que viria a ser a musicalização e quais seriam seus objetivos. Porém, nesse segundo momento, parti à procura de algo que definisse a musicalização e encontrei em Penna a seguinte proposta:

... um processo educacional orientado que visando promover uma participação mais ampla na cultura socialmente produzida, efetua o desenvolvimento dos instrumentos de percepção, expressão e pensamento necessários à decodificação da linguagem musical, como forma de promover, em todos os alunos, a competência artística (especificamente no campo musical) destinada somente a uma minoria (1990, p. 43).

A partir de uma reflexão acerca da definição citada, foi possível observar a importância de desenvolver nas crianças instrumentos de percepção que permitam que elas decodifiquem a linguagem musical, e dominando o código passem então à aprendizagem dos conceitos específicos.

Na procura de objetivos coerentes com a definição de musicalização, vista como a mais adequada para a faixa etária com a qual pretendia desenvolver o projeto, defini como os principais objetivos do trabalho possibilitar a formação de conceitos fundamentais da linguagem musical, sendo necessário para tanto o reconhecimento de elementos básicos da música tais como ritmo, altura, intensidade, duração e timbre. Além de

conhecer esses elementos, visei ampliar o repertório musical das crianças e possibilitar experiências musicais envolvendo corpo, trabalhando principalmente a noção de ritmo, que eram as principais metas quando iniciei meus planos para o projeto.

4.2 A preocupação com o método

Em função dessas reflexões, houve a preocupação com o método a ser usado, já que durante as minhas próprias experiências musicais, o método sempre teve importância na definição da minha relação com a música e com o próprio instrumento que era estudado, ou seja, a forma como a professora conduzia as aulas, as estratégias de ação que ela punha em funcionamento, podiam tornar as aulas interessantes ou maçantes fazendo com que a experiência da aula fosse prazerosa ou não, gerando ou não interesse e empenho no estudo do instrumento.

Lembro-me bem de minhas primeiras experiências musicais, já citadas, ainda aos 8 anos de idade, quando minha mãe me levou a uma escola de música, e pediu para que eu escolhesse o instrumento que gostaria de aprender, levando em conta o fato de que sempre gostei de cantar e meu interesse por música.

O instrumento escolhido foi o piano que, para mim, era atraente pelo som que produzia e pelo seu tamanho. Iniciei as aulas com muito interesse e estímulo, que era dado pela minha família. No decorrer do curso, meu estímulo e interesse foram desaparecendo pois o método usado pela

professora me oferecia apenas o conhecimento para ler partituras simples, geralmente peças infantis que, para mim, naquela idade, já começavam a ser desinteressantes. Durante a semana havia apenas um dia, durante uma hora, que eu tinha a liberdade de ficar a sós na sala de aula com o instrumento. Durante essa única hora, minha ansiedade era tanta pelo fato de não ter um piano em casa, e não ter a oportunidade de explorá-lo sem ser durante esse período de tempo, que me sentia perdida diante daquele lindo instrumento e simplesmente não sabia muito bem o que fazer com ele. Geralmente ficava treinando técnicas de velocidade com exercícios exaustivos, ensaiava as partituras que já conseguia ler e ia embora para casa me sentindo incapaz de criar uma música ou algum som que fosse diferente das pecinhas que me eram apresentadas para aprender. Enfim, o método usado não possibilitava que eu desenvolvesse autonomia musical, que, para mim, pode se resumir a possuir os elementos necessários para criar uma música, ou improvisar, ou mesmo re-arranjar alguma criação musical já pronta.

Desisti do piano, mas continuei a cantar. Claro que com uma maior compreensão da linguagem musical, porém totalmente desestimulada a voltar a tocar qualquer outro instrumento.

Vale ressaltar que Howard (1984) já considerava a importância da maneira como a criança é introduzida à música. O modo como o ensino da música geralmente se dá é na direção do fácil para o difícil, prejudicando a maneira como a criança vê a música inicialmente. O autor afirma que a introdução da criança à música vem acontecendo de um modo que vai se perdendo aos poucos o prazer e o desejo de praticá-la, sendo que no ensino

da música, geralmente, treina-se um determinado evento e, quando ele é assimilado, parte-se para outro mais difícil, e assim sucessivamente. Esse ensinamento fragmentado faz com que a criança perca o interesse pela música. Tal consideração define exatamente a vivência musical que tive durante a infância, que até hoje se reflete na minha falta de interesse por qualquer tipo de estudo sistematizado na área musical.

Levando em conta essa experiência, procurei encontrar uma maneira de conduzir as atividades musicais nas minhas aulas de forma que elas fossem prazerosas para as crianças, e não maçantes. Gostaria que os alunos sempre vissem as atividades como brincadeiras, e não como exercícios obrigatórios, desvinculados do mundo lúdico no qual eles costumam se sentir bem.

Acerca do modo de agir, na perspectiva de Porcher:

... para adquirir um bom contato com a criança, é preciso estar ao mesmo tempo perto e a uma certa distância, ou seja, achar uma maneira não autoritária de fazer música. Cabe frisar, portanto, este lado de relacionamento, que tem tanta importância quanto o fazer musical (1982, p.86).

Minha postura e a forma de conduzir as atividades seriam fundamentais no processo de aprendizagem das crianças, e a oportunidade que eu poderia oferecer a elas para que tivessem seu espaço de aproximação com a música, sem muitas interferências, também me pareceu importante. A liberdade de criar, inventar e brincar, nessa perspectiva, pareceu-me um fator decisivo dentro do que eu planejava para as aulas.

Em Penna (1990), encontrei uma discussão acerca das contribuições dos métodos ativos em musicalização. Segundo a autora, "são chamados

ativos, por exigirem uma participação efetiva do aluno” (p.61). Alguns exemplos de métodos ativos são os elaborados por Dalcroze, Orff, Kodaly entre outros educadores musicais. Tais métodos partem do princípio de que o movimento corporal é essencial para o desenvolvimento da noção rítmica. A autora ainda assinala que Dalcroze considerava a vivência corporal um meio valioso de estimular vivências musicais, lembrando que “... esses métodos partem da vivência sonora para formação de conceitos e a clarificação das estruturas da linguagem musical, através de exercícios de percepção e expressão, e não esquecendo o trabalho corporal” (Penna, 1990, p.67).

No entanto, é necessário analisar, quanto aos métodos, que “não se trata, no caso, de indicar um deles como a resposta metodológica para a musicalização na escola especializada, mas de compreender seus princípios e a contribuição que trazem” (Idem, p.61).

Para tais métodos a rítmica tem papel fundamental em seu desenvolvimento. Porcher (1982) destaca alguns princípios que constituem a base dessa pedagogia musical, que são: constante solicitação de criação e improvisação das crianças, descoberta de si mesmo através de movimentos (principalmente palmas), a importância da rítmica, concepção progressiva da aprendizagem de aspectos rítmicos, concepção ampla e global da educação da voz, noções de solfejo ligadas à atividade musical, e o efeito de socialização, assim como de individualização da pessoa (auto-expressão).

O autor ainda ressalta que “a educação musical deve ser indissolúvelmente cultural, gestual e emocional, enquadra-se numa formação global da personalidade” (Porcher , 1982, p. 82).

Os princípios dos métodos ativos me interessaram e pareceram mais adequados ao trabalho que seria desenvolvido, principalmente por enfatizarem o uso da rítmica e a importância da gestualidade.

5. A REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES : COLOCANDO EM PRÁTICA

Partindo dos pressupostos citados anteriormente, foram escolhidas para serem descritas, algumas das atividades realizadas com meus alunos, as que acredito serem as mais interessantes, levando em conta seus objetivos e a participação ativa das crianças. Para realizá-las, considereei a importância do aspecto lúdico das atividades, do uso de movimentos e da utilização de exercícios rítmicos. Também foi levado em conta que, segundo Camargo (1994) sobre o método ativo de Carl Orff, a educação deve “partir de experiências simples, acessíveis à compreensão das crianças, antepondo-se a qualquer conceituação teórica” (p.45).

Segue o registro das atividades realizadas durante o segundo semestre de 2007.

Brincando com os nomes

Naquele dia, as crianças estavam ansiosas para saber qual seria a brincadeira que faríamos após a merenda. Disse a eles que iríamos fazer uma brincadeira com os nossos nomes. Pedi que levantassem, ficando em pé na linha amarela (em um grande círculo). Expliquei que a proposta era

que cada um falasse o seu nome, de maneira espontânea, e todos nós iríamos imitar o colega, desde sua fala até seus trejeitos e movimentos corporais.

Algumas crianças se mostraram um pouco tímidas, mas todas participaram e foram se soltando gradualmente. Então, um por um, foram dizendo seus nomes e os outros colegas imitavam. Após algumas apresentações precisei chamar a atenção das crianças para o fato de que precisavam prestar atenção no colega e esperar que ele terminasse sua apresentação para imitá-lo, pois algumas delas ficavam ansiosas e não tinham paciência para ouvir o nome do colega até o fim. Percebi então a dificuldade do ato de ouvir e a necessidade de propiciar a eles momentos de audição de músicas para desenvolverem a habilidade da escuta.

A próxima proposta era que falassem o nome juntamente com um movimento corporal. Dei um exemplo utilizando o meu próprio nome, mexendo os braços e batendo uma palma. Eles imitaram a minha apresentação e iniciaram as suas apresentações com as quais me surpreendi bastante, pois fizeram movimentos bastante criativos, e os que no início sentiram vergonha já estavam mais espontâneos.

Durante as apresentações, observei as crianças planejando os movimentos que fariam e treinando-os, muitas vezes sem prestar atenção no colega que estava se apresentando. Esse planejamento também me surpreendeu, já que a maioria parecia criar seus movimentos apenas no momento em que chegava a sua vez.

Após essa atividade, a seguinte seria dividir o nome em pedacinhos (sílabas), e bater palma em cada um desses pedacinhos. Dei o exemplo do

meu nome e eles imitaram. Cada um se apresentou com facilidade. Ao que faziam divisões que não fossem silábicas, eu perguntava se existia outra maneira de dividir o nome e, a partir daí, todos conseguiram realizar a proposta.

Aproveitando a vontade das crianças de continuar a brincar e a disposição que apresentaram, sugeri uma nova brincadeira com os nomes. Pedi que sentassem em duas filas no chão, uma paralela a outra, deixando um espaço entre elas. Nesse espaço fiz um traço no chão com giz de lousa. Expliquei que cada um deveria falar o seu nome pisando na linha traçada no chão, porém a fala do nome deveria começar no início do traço e só poderia terminar no fim do traço, sem poder existir silêncio enquanto andavam na linha. As crianças demonstraram se sentir desafiadas e expressaram ansiedade. Todos prestavam muita atenção nos colegas para verificar se haviam realizado a atividade corretamente.

As crianças que tinham nomes pequenos sentiram mais dificuldade para realizar essa proposta, já que o traço feito no chão era longo. Sentiram dificuldade em aumentar a duração das sílabas, e pediam para falar o nome completo. Disse que a idéia era que falassem só o primeiro nome. Fizeram várias tentativas, mas não conseguiram.

Todos participaram das atividades mostrando muito interesse e perseverança durante aproximadamente 40 minutos. Nesse dia quase todos os alunos estavam presentes, num total de 23, o que dificultou muito o trabalho, já que com tantas crianças eles tendem a dispersar se a atividade demora muito tempo. Porém, a atenção e o interesse das crianças pelas propostas não se perdeu na maior parte do tempo.

O objetivo era fazer com que vivenciassem, através de algo significativo, que no caso era o nome de cada uma, atividades que proporcionassem o contato com o ritmo, envolvendo a corporalidade.

A atividade do traço no chão objetivou iniciar o desenvolvimento da noção de duração, pois o ritmo e a duração são elementos importantes presentes na música. As crianças tiveram a possibilidade de experienciar também mudanças de duração, já que num primeiro momento puderam apresentar espontaneamente os nomes e, depois, de forma dirigida, mudar a duração da fala de cada sílaba. A partir dessa reflexão, podemos dizer que

considerando-se que os parâmetros sonoros altura, duração, intensidade e timbre estão presentes na palavra através da inflexão vocal, duração das sílabas, acentuação e, ainda, do matiz de cada voz, esta torna-se uma ajuda imprescindível para levar o aluno à vivência da linguagem rítmica (Camargo, 1994 p. 57).

Dança com fitas

Willems (1970), citado por Camargo (1994), ressalta que “os movimentos humanos não só geram ritmo, como também se constituem num método pedagógico direto, útil e, até mesmo, indispensável para o desenvolvimento do instinto rítmico” (p.30).

Levando em conta tal consideração, a atividade proposta era a escuta de uma música clássica (*As quatro estações*, de Vivaldi) e, posterior, confecção de fitilhos de papel crepom que usaríamos para nos movimentar ouvindo a música novamente. Nesse segundo momento, teríamos a liberdade de explorar as fitas e movimentos corporais livremente.

Antes de iniciar a atividade, sentamo-nos na roda para conversar. Perguntei se eles sabiam o que era música clássica, se já haviam ouvido. Nenhuma criança respondeu afirmativamente, então, perguntei novamente o que eles achavam que era música clássica. Tive uma resposta:

- *“É música antiga”, J. P.* respondeu com certa segurança. Perguntei que tipo de música ouviam em casa. Alguns falaram que ouviam música do rádio, e **A.** respondeu :

- *“Lá em casa, eu só ouço música de faxina!”*

Fiquei intrigada com a resposta e perguntei o que era “música de faxina”, e ele reiterou: - *“Ah! Música de faxina!”* e cantou um trecho pequeno de uma música cuja letra falava de faxina, que mal consegui entender.

As crianças começaram a se dispersar e, então, iniciamos a confecção das fitas. Cada criança escolheu uma cor e com durex prendemos as pontas deixando um apoio para segurarem. As crianças estavam ansiosas para ouvir a música que eu havia trazido.

Iniciamos, então, a escuta da obra de Vivaldi. Observei que, durante a audição da música, as crianças riam muito nos momentos em que havia mudanças na altura e intensidade dos instrumentos.

Após ouvirmos, perguntei se já haviam ouvido alguma música assim, e eles responderam que não. Perguntei o que eles haviam observado na música. A aluna **L.** observou que havia momentos em que ficava alto e baixo, alto e baixo...

Levantamos, cada um pegou sua fita, coloquei a música novamente e eles dançaram, movimentaram-se pela sala de aula de maneira espontânea, explorando os movimentos que as fitas e os sons incitavam.



Sons vocais e dança com palmas

No dia da terceira experiência que seria realizada com as crianças, quando cheguei na escola, duas alunas minhas me viram descer do carro com um cd nas mãos, e demonstraram alegria dizendo: - "*Oba, hoje vai ter música!*".

Senti-me motivada a realizar a atividade, percebendo o interesse das crianças já na hora da entrada.

Iniciamos a atividade sentados na roda, as crianças já estavam agitadas pois queriam dançar. Quando eu lhes dizia que realizaríamos uma atividade com música, em todas as experiências, elas já se preparavam para dançar, demonstrando que essa era a principal relação que tinham com a

música, dando sinais da dificuldade que eu teria se tentasse fazê-los ouvir, “apreciar” alguma música sem o uso de movimentos.

Propus, então, que conversássemos sobre sons que poderíamos fazer com a boca. Eles me responderam que com a boca podíamos falar, cantar, beijar e durante a conversa iam explorando esses e outros sons com a boca. Perguntei se sabiam o que era som grave e agudo, mas não responderam afirmativamente. Cantei com eles então a música da *Dona Aranha* (“*A dona aranha subiu pela parede, veio a chuva forte...*”) de maneira que quando cantava “*A mamãe aranha subiu pela parede, veio a chuva forte...*”, o som era agudo, e quando cantava “*O papai aranha subiu pela parede, veio a chuva forte...*”, o som era grave. As crianças cantaram juntas e, então, começaram a imitar sons de vários animais, sem a minha sugestão. Aproveitando a idéia, enquanto faziam as imitações, eu ia questionando se o som que realizavam era agudo ou grave.

Após essa atividade, pedi que cada criança tomasse um colega como par. A proposta era que, de pé em roda, um dos colegas fizesse livremente sons com a boca, agudos e graves, e o outro ouvisse esses sons no corpo do colega, encostando o ouvido no peito e nas costas da outra criança, ou explorando a garganta do colega com as mãos. Depois trocariam de lugar. Fizeram vários sons, imitaram animais; eu procurava ajudá-los a perder a vergonha de colocar as mãos no colega, fazendo principalmente com que encostassem o ouvido e percebessem as vibrações do corpo do outro. Um dos alunos, *J. P.*, fez um som muito agudo com a boca; pedi que todos ouvissem e comentei que era um som muito agudo e todos começaram a tentar imitá-lo.



Sentamos, então, para falar sobre o que havíamos observado durante a atividade e a aluna *L.* comentou que quando encostou o ouvido no peito do colega, o som ficou alto, e que a garganta “mexia” quando fazia barulho.

Disse a eles que numa próxima oportunidade faríamos sons com o corpo, mas num outro dia. Eles imediatamente começaram a fazer experiências com o corpo, mas senti a necessidade de fazê-los parar, pois estavam ficando muito agitados.

Percebendo a agitação e a necessidade que as crianças estavam tendo de dançar e se movimentar, propus que ouvíssemos a música *Da abóbora faz melão*³, e que aprendêssemos a cantá-la. Cantei para eles, pedindo que apenas ouvissem para aprenderem a letra. Eu cantaria um trecho e eles repetiriam:

³ Música encontrada no cd: PANDALELÊ BRINQUEDOS CANTADOS. Coleção Palavra Cantada: SP,2001.

*Da abóbora faz melão, do melão faz melancia
Da abóbora faz melão, do melão faz melancia*

*Faz doce, sinhá, faz doce sinhá,
Faz doce sinhá Maria
Faz doce, sinhá, faz doce sinhá,
Faz doce sinhá Maria*

*Quem quiser dançar, vai na casa do Juquinha
Quem quiser dançar vai na casa do Juquinha
Ele pula, ele roda, ele faz requebradinha
Ele pula, ele roda, ele faz requebradinha.*

Decoraram a música com facilidade e agora iríamos cantar e bater palmas acompanhando o ritmo da música, ainda só com o canto, sem tocá-la no cd.

Cantamos todos juntos num ritmo um pouco mais lento, batendo palmas junto com a música. Após fazermos isso, disse a eles que agora escutaríamos a música no cd, porém, na gravação ela era um pouco mais rápida do que havíamos cantado, de modo que precisariam prestar atenção para bater palmas no ritmo correto.

Fizemos a atividade sentados, depois nos levantamos e fizemos a mesma coisa só que agora andando livremente pela sala, batendo palmas e cantando.

Depois de bater palmas propus que batêssemos os pés, ou seja, o que havíamos feito com as mãos agora faríamos com os pés, e cantando. Treinamos como seria, antes de colocar a gravação. Faríamos depois o

mesmo com mãos e pés juntamente. As crianças perguntavam se podiam dançar e eu disse que sim, mas que seria legal se tentassem bater palmas ao mesmo tempo em que dançavam. Algumas meninas preferiram inventar uma coreografia e dançar, e os meninos faziam movimentos mais bruscos como pular, cair no chão, correr.

Após a realização das atividades, pude perceber que as crianças ficaram novamente muito agitadas. Durante aproximadamente 40 minutos de realização das atividades, elas demonstraram interesse e disposição para participar.

Durante os momentos em que a proposta foi conversarmos, a dificuldade foi grande, até pelo número de crianças na sala de aula, que sempre gira em torno de 25, e pelo fato de que eles se dispersam muito rapidamente. Minha preocupação foi sempre tentar discutir algumas descobertas, porém, percebo a impossibilidade de ficar muito tempo “falando de música” e a necessidade da presença concreta do sonoro-musical em sala de aula.

Maura Penna, em seu artigo *Música na escola: analisando a proposta dos PCN para o ensino fundamental*⁴, afirma a importância de não haver um foco muito grande no ato de falar, no verbal, mas sim no “fazer”. Porcher concorda com essa idéia, defendendo que a reeducação musical se realiza através de atividades musicais, e continua afirmando que:

mais do que formar o ouvido, trata-se, com efeito, de permitir à criança a integração do seu esquema corporal, o domínio do gesto, a noção de movimento, a intercomunicação entre os espaços interior e exterior, a apropriação de si mesma, a adaptação ao que está em volta (1982, p. 71).

⁴ Texto encontrado em : <http://cchla.ufpb.br/pcquisarte>

Considerando que vários autores defendem essa forma de musicalizar, preferi focar atividades em que as crianças pudessem se movimentar, usar o corpo para vivenciarem os diferentes ritmos, até mesmo porque elas sempre demonstram mais interesse pelo movimento, ao invés de ficarem sentados conversando sobre qualquer assunto relacionado à música. Como afirma Schafer (1991), "os sons que ouvimos nos levam a responder imediatamente, a reproduzi-los nos instrumentos que inventamos" (p.295).

Nessa perspectiva, acredito que o instrumento, no caso dos meus alunos, é o seu próprio corpo que responde imediatamente a qualquer estímulo sonoro, ou apenas ao saberem que haverá alguma atividade musical, sendo esse seu "instrumento natural", como define Camargo (1994).

Dança com bexigas

Durante uma de nossas reuniões de professores, minha coordenadora pedagógica nos trouxe uma idéia para que trabalhássemos a música com as crianças. Todas as professoras realizaram juntas essa atividade, podendo vivenciá-la. Assim, ela nos trouxe várias idéias, já que havia realizado um curso de musicalização infantil oferecido pela rede de Valinhos, e também pelo fato de gostar muito de música. Deu a mim, e acredito que a todas as professoras, grandes contribuições nesse sentido.

Tal atividade era realizada com bexigas, mas não aquelas comuns de aniversário, e sim aquelas bexigas compridas, que são mais flexíveis por conta da sua forma. A atividade consistia em acompanhar uma música fazendo movimentos que ela sugeria com as bexigas. Esses movimentos ou gestos nos foram passados já prontos pela coordenadora. Fiquei realmente ansiosa para ver a reação que as crianças teriam com esse material novo e que proporcionava um visual muito interessante.

Quando disse às crianças que iríamos fazer uma atividade de música com bexigas a reação inicial, como sempre, foi de excitação. Ficaram maravilhados com as bexigas, que eu fui enchendo uma a uma, na roda, enquanto eles observavam e imaginavam o que seria feito, já que não tinham idéia de como seria a atividade.

Expliquei que eles explorariam os movimentos que poderiam fazer com as bexigas livremente, depois ouviríamos uma música e eles poderiam dançar livremente pela sala de aula. Prefiri, no início da realização dessa atividade, ao invés de mostrar a eles a coreografia pronta com as bexigas, como havia sido mostrada às professoras, propor que eles explorassem, por conta própria, outras possibilidades, até mesmo para observar se seriam criativos também nessa atividade, se conseguiriam movimentá-las no ritmo, por exemplo, e também, por curiosidade, para ver o que fariam sem nenhuma outra orientação. Como sempre, foram muito criativos no uso das bexigas e mostraram uma certa preocupação com o andamento da música, que é lenta, realizando seus movimentos e seu caminhar também de forma lenta.

Depois de explorarem as bexigas, disse a eles que havia alguns outros movimentos que poderiam ser feitos, e que eu mostraria a eles, para que pudessem fazê-los se quisessem.

Depois de propor essa espécie de coreografia, coloquei a música mais uma vez e fizemos juntos. Apenas um aluno, ainda encantado com a sua bexiga não nos acompanhou, e para dizer a verdade, nem se importou com a nossa presença ali naquele momento, pois olhava fixamente para a bexiga e sorria conforme os movimentos que conseguia produzir com ela.



Um dos alunos, C., sempre tímido desde o início do ano, nessa atividade pela primeira vez se mostrou à vontade, espontâneo. Já havia observado que ele estava se sentindo mais à vontade a cada atividade realizada, e especificamente nessa, comportou-se com muita liberdade, o que me deixou feliz, já que seu comportamento anterior foi bem diferente.

Construindo instrumentos percussivos

Pedi durante uma semana que as crianças trouxessem potes de Danone e Yakult ou rolos de papel toalha, pois na sexta-feira faríamos

instrumentos musicais. Todos colaboraram e estavam ansiosos para que o dia chegasse logo.

Separei as crianças em grupos de quatro, e cada um escolheu um pote ou rolo de papelão e o enfeitou com durex colorido, da forma como quis. Conforme terminavam, levavam até a mesa onde escolhiam o que seria colocado dentro do seu pote: arroz, areia ou palitos de fósforo. Então, os potes eram lacrados com durex e eles iam explorar seu instrumento, andando pela sala, com os amigos ou sozinhos, como quisessem. Ficaram durante aproximadamente 20 minutos brincando pela classe até que eu lacrasse todos os 25 potes. Já estavam demonstrando estarem cansados de brincar com os chocalhos (assim denominados por eles mesmos, num outro momento), pois estavam procurando outras coisas a fazer, como escrever na lousa. Propus, então, que todos sentados na roda, fizessem sons com seus instrumentos, um por um, para que pudéssemos observar as diferenças entre o som de cada um. Uma das crianças observou que os que continham areia faziam um som mais baixo que os outros. Perguntei o que achavam de cantarmos uma música para acompanharmos com nossos chocalhos, e a resposta foi positiva. Eles mesmos escolheram a música Da abóbora faz melão, com a qual já havíamos realizado uma brincadeira rítmica. Cantamos mais duas músicas escolhidas por eles e, observando que estavam perdendo o interesse, encerrei a atividade.

Essa atividade, e igualmente todas as outras nas quais as crianças tiveram a oportunidade de interagir com os colegas, pareceu-me ter grande importância para a socialização das crianças e para o sentimento de

pertencimento ao grupo, pois o trabalho coletivo e não individualizado promove tal envolvimento de modo mais eficiente.



As seguintes afirmações de Porcher (1982) vêm de encontro aos meus anseios já que, para o autor, “a criança toma consciência do fato de que pertence a um grupo, pois não se trata para ela de ficar brincando no seu canto com um instrumento, deleitando-se com os resultados sonoros que está obtendo, e sim de fazer corpo com um conjunto” (p.87).

Escravos de Jó

Em nossa escola, entre os materiais de Educação Física, temos disponíveis cocos cortados ao meio (casca), e apenas uma vez vi uma das professoras de Educação Física utilizá-los numa atividade que envolvia ritmo. Como já havia trabalhado com as crianças várias atividades rítmicas,

porém sempre com o corpo, batendo palmas e pés, pensei em oferecer um material que não fosse muito comum para elas, na intenção de despertar maior interesse.

Escravos de Jó é um brinquedo de roda que propicia esse contato com o ritmo, sendo que a criança precisa observar o ritmo da música, o do colega e se adequar ao ritmo maior do grupo.

No primeiro projeto que realizei com as crianças, em 2006, apresentei a brincadeira às crianças, que ainda não conheciam a música, seguindo os seguintes passos:

- 1- cantei a música para que aprendessem a letra e a melodia. Só quando aprenderam parti para o próximo passo;
- 2- escolhi duas crianças com as quais demonstrei como brincar no meio da roda, para que os outros observassem;
- 3- formei grupos de 3 crianças, que agora, cantando juntos, fariam nesses grupos a brincadeira. Eu interferia e participava de cada grupo verificando se estavam conseguindo realizar a atividade;
- 4- na roda, todos juntos, tentamos realizar a brincadeira no grande grupo.

Nessa primeira experiência, com outra classe, a maioria das crianças se envolveu com a brincadeira e obtive bons resultados já no primeiro dia.

Com a turma atual, houve algumas modificações na forma como realizei a atividade. Inicialmente perguntei se conheciam a música, e ao contrário da turma anterior, a grande maioria já conhecia. Então, cantamos juntos algumas vezes. As crianças cantaram e fizeram “brincadeiras de

mão”, batendo palmas junto com o ritmo da música. A partir daí, o procedimento foi apresentar a brincadeira com duas crianças na roda e, depois, dividindo-os em grupos de três para que fizessem a brincadeira mais facilmente em pequenos grupos, assim como havia feito no ano anterior. Sentava-me de grupo em grupo para verificar como estavam realizando a atividade, e ia brincando com eles.

As crianças estavam divididas em sete grupos, e um dos grupos, durante a brincadeira, começou arrastar o coco no chão, jogando para o outro amigo, e não demonstraram interesse em brincar da forma que eu havia proposto. Interferi na brincadeira do grupo, dizendo que não era daquela forma que eu havia mostrado e que deveriam fazer como eu havia dito.

Através da passagem pelos grupos, observei que a maioria das crianças teve muita dificuldade em realizar a atividade porque alguns colegas não passavam o coco no momento certo; a atividade não fluía nos grupos. Observei também, assim como em outras atividades como pular corda e nos jogos rítmicos, que especialmente dois alunos apresentavam grandes dificuldades para realizá-las.

Continuei incentivando a atividade na expectativa de que tivesse um resultado mais satisfatório, porém, depois de várias vezes que havíamos cantado a música e brincado, perguntei às crianças se queriam brincar novamente, e ouvi em coro a palavra “*não*” !

Pela primeira vez, com essa turma, vi-me frustrada e decepcionada, mas não exatamente com os meus alunos, e sim comigo mesma. Após o registro dessa atividade, como sempre fazia após o término das aulas, comecei a me lembrar da forma como havia encaminhado a atividade

anteriormente, e inferi que talvez a forma como havia abordado a brincadeira agora com as crianças as tenha desmotivado e desestimulado. Analisando a resposta que me deram, considerei que o que era uma brincadeira, a partir das minhas interferências, tornou-se algo muito sério que não interessava a elas naquele momento, nem daquele modo. Considerei, em retrospecto, os vários erros que cometi durante a realização dessa atividade. Entretanto, o pior deles, do meu ponto de vista, foi ansiar por um resultado perfeito em uma primeira experiência que exigiria maior trabalho em grupo, ou seja, houve uma grande preocupação da minha parte com um resultado efetivo, em detrimento do processo de apropriação dos alunos. Acreditei que após todas as atividades que havíamos feito antes, eles já seriam capazes de brincar de *Escravos de Jó* sem maiores dificuldades. Lembrei-me de Schafer (1991), que destaca a importância de uma educação musical que seja dirigida à experiência e à descoberta. Portanto, "... o professor precisa se acostumar a ser mais um catalisador do que acontece na aula que um condutor do que deve acontecer" (p.301).

Durante essa atividade apenas me preocupei em conduzir a forma como brincavam, pensando apenas no resultado final, utilizando uma forma até mesmo um pouco autoritária para conduzir a atividade. Isto me levou a repensar, de modo mais profundo e através de outros referenciais, como poderia implementar essa postura catalisadora com meus alunos, nas próximas atividades.



Registro de sons

No RCNEI há uma referência ao registro musical, dizendo que “representar o som por meio do desenho é trazer para o gesto gráfico aquilo que a percepção auditiva identificou, constituindo-se num primeiro modo de registro” (p.75). O RCNEI ainda traz a orientação de que a partir dos 4 anos de idade, pode-se pedir para que as crianças relacionem som e registro gráfico, não devendo isso ser um treino para a leitura e a escrita musical, e sim uma possibilidade de criar formas de notação musical com o apoio do professor.

A próxima atividade admito que a fiz por pura curiosidade. Nunca havia realizado esse tipo de atividade com os meus alunos e nem imaginava como o fariam.

Distribui para cada criança um papel dividido em quatro partes numeradas; eles tinham em mãos lápis de cor. Expliquei que eu iria fazer sons, e que eles deveriam, da maneira como quisessem, marcar esses sons no papel. Uma das crianças perguntou se poderia desenhar, e eu respondi

que poderiam fazer da forma que achassem melhor para que depois lembrassem do som que eu havia feito. Deixei claro que o importante era que registrassem o desenho de maneira que pudessem se lembrar do som realizado depois.

Os sons foram:

- 1- bati 5 palmas em intervalos de tempo diferentes;
- 2- bati pés e mãos em intervalos de tempo diferentes;
- 3- bati 2 palmas e bati as mãos na mesa duas vezes em intervalos de tempo iguais;
- 4- bati 2 palmas fracas e 3 palmas fortes, em intervalos de tempo diferentes.

A cada som realizado, eu repetia quantas vezes fossem necessárias. Todas as crianças participaram e demonstraram interesse em ouvir e registrar os sons, prestando atenção em cada som que eu fazia, e repetindo os meus movimentos corporais, na intenção de lembrar o que tinham ouvido. Só depois faziam os registros. Num determinado momento da atividade, uma criança contou quantas palmas eu havia batido e disse em voz alta. As outras crianças imediatamente começaram a contar os sons que eu havia feito e a maioria começou a focar a atenção no número de vezes que eu fazia o som.

Pedi para que se sentassem na roda, com as suas folhas em mãos, e questionei as crianças sobre como haviam feito os registros. Todas queriam mostrar suas folhas, orgulhosas do seu trabalho. Começamos, então, a verificar se lembravam dos sons olhando os próprios registros.

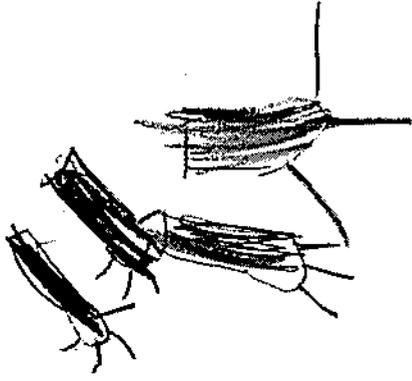
As crianças tiveram dificuldades em lembrar dos detalhes dos sons (altura, intensidade, duração), porém lembraram dos movimentos (palmas, bater a mão na mesa, bater os pés), pois a maioria das crianças desenhou o gesto que eu havia feito. Essas crianças escreveram o ritmo através do gesto.

Algumas crianças desenharam tracinhos na mesma quantidade de vezes que eu havia produzido o som, ou ainda marcaram apenas o número de vezes em que o som foi produzido. No momento em que conversamos, perceberam que não conseguiam lembrar exatamente os sons e que alguns desenhos não os ajudariam a se lembrar deles. Curiosamente, alguns que fizeram desenhos como casinhas ou animais ainda defenderam a idéia de que conseguiriam olhar para os desenhos e lembrar do som. Uma das alunas, **G.**, foi a única que fez uma marcação diferenciando os tracinhos que eram palmas dos que eram batidas na mesa, riscando mais forte os tracinhos que eram palmas.

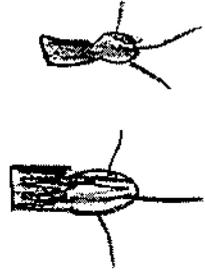
Sendo assim, conclui que os registros das crianças não traziam características específicas que pudessem ajudar a se lembrarem dos ritmos, eram registros que, em sua maioria, estabeleceram relações com a gestualidade, embora algumas crianças tenham também tentado marcar, de alguma maneira a pulsação, mostrando que as atividades realizadas anteriormente, que priorizavam o trabalho com ritmo em diferentes andamentos e durações, pode ter influenciado esses registros realizados.

Embora não tenham conseguido representar a duração de cada batimento, algumas crianças fizeram uma tentativa de representar o tempo em que os eventos sonoros ocorreram.

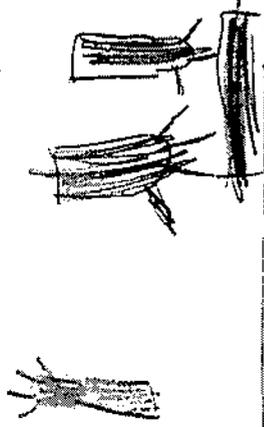
2



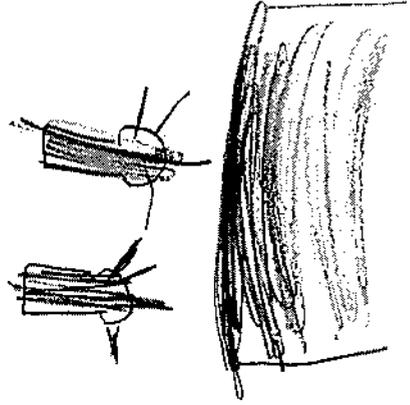
4



1



3

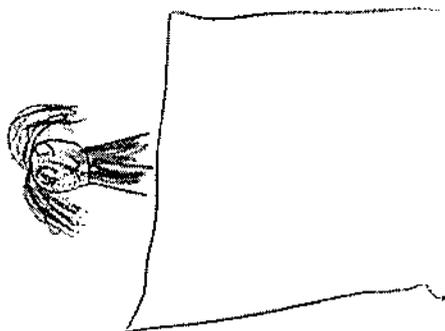


1

PAUMAS

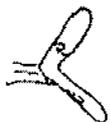


3

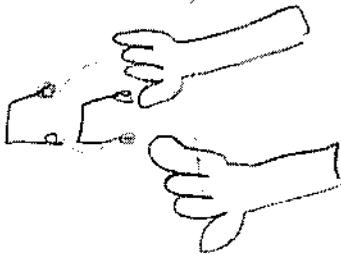


2

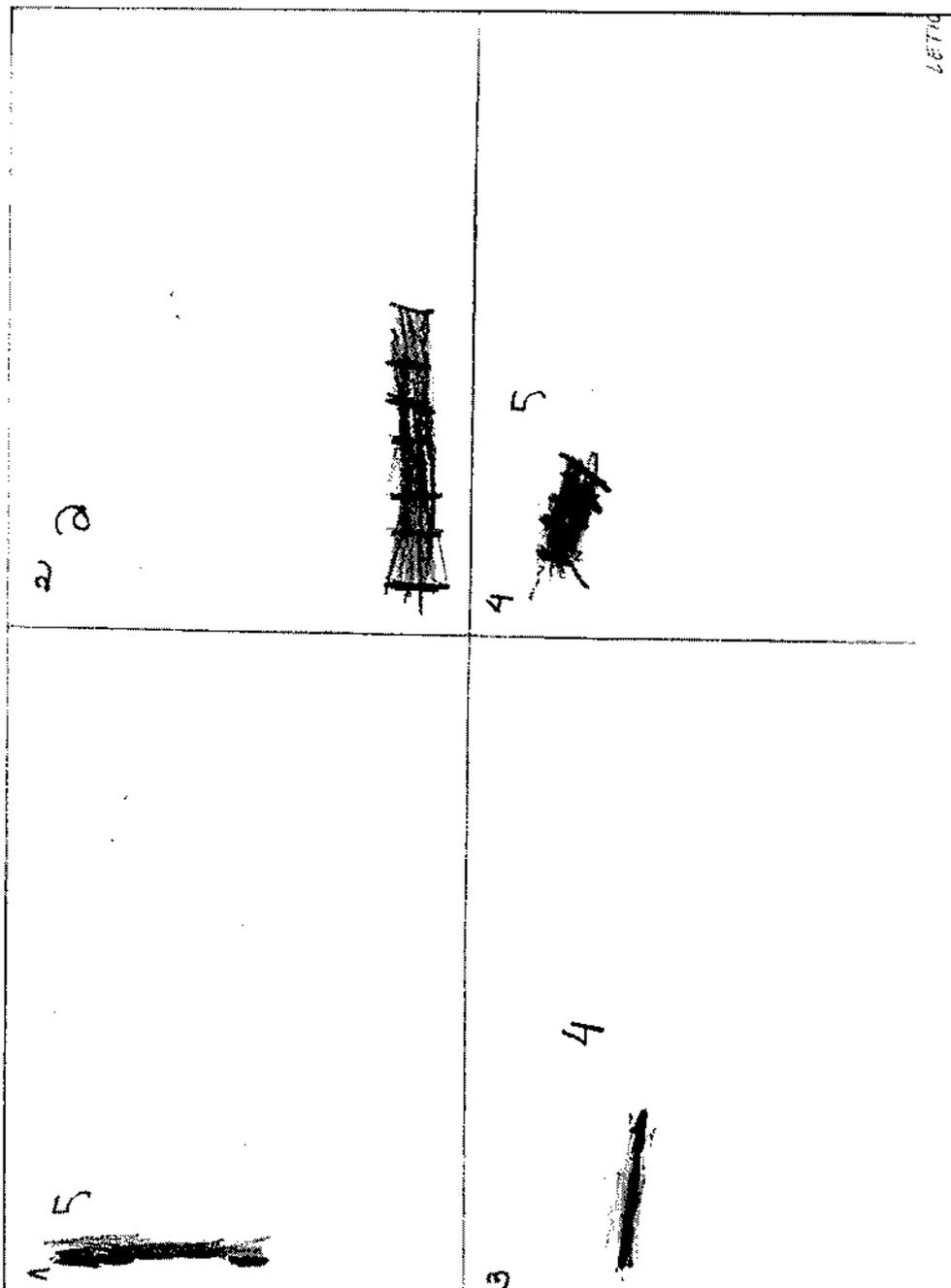
ETÉTORAUM



4



5



A visita de um músico

Após várias atividades musicais realizadas, comecei a sentir a necessidade de possibilitar às crianças um contato mais próximo com a música (ao vivo); por exemplo, levar à escola alguém que “fizesse música” para que elas pudessem ver de perto como é tocar um instrumento, que pudessem cantar, interagir e que através dessa experiência, pudessem ver realmente música sendo feita e não apenas ouvi-la no rádio, como acontecia costumeiramente.

Convidei David Barcellos, músico profissional, para tocar violão na escola a fim de que as crianças pudessem ter essa experiência nova, pois esse tipo de interação entre um músico e as crianças não havia acontecido em minha escola desde 2003, quando eu comecei a dar aula naquela EMEI.

Ele aceitou o convite e, assim, preparamos algumas músicas infantis que as crianças já conheciam para apresentar (eu cantaria com ele).

No dia anterior ao da visita, as crianças já haviam sido avisadas por mim que conheceriam um músico, que iria tocar violão para elas, porém elas não tinham idéia de quem era essa pessoa. Quando dei a notícia, imediatamente me perguntaram se podiam trazer também seus instrumentos musicais (flautas, gaitas etc) que tinham em casa, pois o dia em que ocorreria a visita era sexta-feira, dia da semana em que fazíamos na escola o “dia do brinquedo”, no qual as crianças podiam trazer algum brinquedo de casa. Eu disse que sim, então começaram a planejar quais instrumentos trariam e contar para os colegas da classe.

Chegado o dia da visita, algumas crianças me viram sair do carro com o violão e chegaram ansiosas na sala de aula, querendo saber se era eu quem iria tocar para eles, já que eu havia trazido o violão. Estavam bastante ansiosas com o que iria acontecer.

Algumas crianças trouxeram instrumentos e já entraram na sala de aula mostrando para os colegas, cada um tocando seu e emprestando para os outros que também os tocavam. Ficaram fazendo perguntas sobre quem viria, a que horas viria, até o momento em que foram levados, depois da merenda, para a sala de aula, onde meu marido já estava sentado com o violão na mão, esperando pelas crianças. Outra classe do mesmo nível (Infantil II) também foi convidada a participar da atividade. Todas as crianças sentaram-se no chão e apresentei o músico a elas, dizendo que seu nome era David, e explicando que tocava violão desde os 6 anos de idade e que havia aprendido a tocar com seu pai, que também era músico. Perguntei então o que eles gostariam de ouvir. Um aluno pediu então que ele tocasse *rock' n' roll*, e logo depois pediram que tocasse uma música caipira. Todos ouviram atentos os improvisos feitos. Depois cantamos as músicas infantis que havíamos planejado e as crianças participaram cantando, batendo palmas ou estralando os dedos, conforme havíamos proposto a elas antes de iniciarmos as músicas.

As crianças sugeriram algumas outras músicas infantis, que também foram tocadas, inclusive tendo a participação de duas das crianças que quiseram cantar junto com o David, que as acompanhou ao violão. A atividade durou aproximadamente 30 minutos; quando elas começaram a se dispersar, achamos melhor encerrar a atividade. Chegada a hora de pegar

os brinquedos trazidos de casa para irmos brincar no pátio, as crianças que haviam trazido os instrumentos saíram da sala de aula empolgadas e foram para o pátio tocando, demonstrando terem ficado estimuladas com a visita. Propus que formassem uma banda no pátio; as crianças ficaram durante todo o tempo disponível para brincarem, tocando seus instrumentos e andando juntas pelo pátio, fazendo de conta que formavam uma banda.



Outras atividades musicais

Outras atividades também foram realizadas com as crianças no decorrer do semestre como, por exemplo, atividades de relaxamento, nas quais, ao som de músicas clássicas, as crianças deitavam-se no chão de olhos fechados e ouviam a música em silêncio, com a intenção de ampliar seu repertório e possibilitar a escuta das músicas também sem a utilização de movimentos.

Em vários momentos, ouvimos músicas infantis, cantamos juntos, às vezes batendo palmas, outras estralando os dedos ou dançando livremente. Foram utilizadas músicas infantis de alguns cds ⁵ que contém brincadeiras cantadas ou músicas que permitem criar brincadeiras, possibilitando um maior envolvimento por parte das crianças.

⁵ A ARCA DE NOÉ. Vinícius de Moraes: Polygram, 1993.
BRINQUEDO. Edinho Paraguassu. Sonopress -Rimo da Amazônia Ind. e Com. Fonográfica Ltda: Manaus/AM, 2000.
CANÇÕES DE BRINCAR. Coleção Palavra Cantada: SP, 1996.
O MELHOR DE BIA BEDRAN. Angels Records, 2000.
PÉ COM PÉ. Coleção Palavra Cantada: SP, 2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das atividades realizadas com as crianças, de um olhar renovado e mais crítico sobre a minha própria prática, da observação acerca do comportamento dos alunos e do seu envolvimento em cada atividade proposta, pude perceber a importância da realização de um trabalho de música com crianças na fase da Educação pré-escolar. As crianças, nessa faixa etária, ao que me pareceu, clamam por música. A todo momento estavam dispostas, interessadas, e o mais compensador de tudo, estavam sempre alegres. Através de suas atitudes e falas, pude observar que há a necessidade de conduzir a aula de forma dinâmica e não autoritária, pois, caso contrário, as crianças se dispersam com rapidez, havendo uma grande dificuldade em conversar com eles sobre música. No entanto, durante o pouco tempo que conseguimos conversar, elas se mostraram dispostas e interessadas a aprender mais sobre música.

Senti diversas dificuldades para o desenvolvimento do trabalho, como por exemplo, o fato de as crianças ficarem muito agitadas no decorrer das atividades, levando em conta também o número de alunos em sala de aula, que dificultou bastante o trabalho. Pude perceber que as atividades devem sempre ter um enfoque lúdico, devendo sempre se configurar como brincadeira, e não como algo obrigatório ou imposto.

As atividades pareceram contribuir bastante para a socialização das crianças que se mostraram, no decorrer das atividades, cada vez mais envolvidas com relação aos colegas, ou seja, deixavam um pouco suas preferências por alguns colegas específicos de lado, e brincavam com os

outros também. Alunos mais tímidos foram sendo incentivados pelo grupo a participar das atividades. Acredito que essa atitude das crianças, juntamente com o desenvolvimento de atividades que favoreciam o desenvolvimento de certa liberdade corporal, foi também responsável por uma mudança de comportamento dessas crianças, que no decorrer do semestre foram se mostrando mais livres e espontâneas na realização das atividades.

Com relação à apreensão dos elementos da música, acredito que esse trabalho tenha contribuído para iniciar o desenvolvimento de algumas noções. Porém, para a efetiva aquisição dos conceitos, de uma maior compreensão acerca dos elementos essenciais da música, tais como duração, timbre, intensidade, altura e ritmo, acredito ser necessária uma continuidade do trabalho durante os anos seguintes. Isto para que o trabalho desenvolvido não se esgote ali, em uns poucos meses, levando em conta que nessa faixa etária a música se faz importante principalmente quando vivenciada pela criança de forma ativa. Através dessa vivência constante é possível, no meu entender, a apreensão desses conceitos pela criança, mesmo que as atividades sejam desenvolvidas por um professor polivalente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

AYOUB, Eliana. *Brincando com o ritmo na Educação Física*. Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 6, n. 34, p. 49-57, jul/ago 2000.

BARBOSA, Maria Flávia S. Educação Musical Infantil: uma nova proposta. Claves - Revista do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, n. 3, maio, p. 74-82, 2007.

_____ O lugar da música: em busca de elementos que respaldem uma presença significativa da música na Educação Infantil, 2005. Texto não publicado.

_____ *Processo de significação da escrita rítmica pela criança*. 2001. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2001.

BRASIL.Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. v.3. Brasília, MEC/SEF,1998.

BRÉSCIA, Vera P. *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*.Campinas: Editora Átomo, 2003.

CAMARGO, Maria Lígia M. de. *Música /Movimento: um universo em duas dimensões; aspectos técnicos e pedagógicos na Educação Física*. Belo Horizonte: Villa Rica,1994.

HOWARD, Walter. *A música e a criança*. 4 ed. São Paulo: Summus,1984. (Novas buscas em Educação, v.19)

LOUREIRO, Alicia Maria A . *O ensino da música na escola fundamental*. Campinas, SP: Papirus,2003.

MARINHO, Vanildo M. ; QUEIROZ, Luis Ricardo S.(org.) *Contexturas: o ensino das artes em diferentes espaços* . João Pessoa: Editora Universitária / UFPB,2005. p.49-65.

MENDES, Adriana ; CUNHA, Glória. Um universo sonoro nos envolve. In: FERREIRA, Sueli (org.) *O ensino das artes: construindo caminhos*. Campinas,SP: Papirus,2001.- (Coleção Ágere) p.79 -114.

PENNA, Maura L. *Reavaliações e buscas em musicalização*. São Paulo: Loyola,1990.

PEREGRINO, Yara R.(coord.); PENNA, Maura; COUTINHO, Sylvia R.; MARINHO, Vanildo. *Da camiseta ao museu: o ensino das artes na Democratização da cultura* . João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB,1995.

PORCHER, Louis (org). *Educação Artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus,1982. (Novas buscas em educação, v.12) pg 67-100.

SALLES, Juliana da M. & PRADO, Ricardo. *Música, Maestros!* Revista Nova Escola. maio,1999 p.16-20.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante* . São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1991.

SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* 3ed. São Paulo: Cortez,1997.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. *Brincando de Música: Experiências com sons, ritmos, música e movimentos na pré- escola*. Porto Alegre: Kuarup,1988.